

SIGILO PRA ELE... VIGILÂNCIA PRA VOCÊ. ANÁLISE DO DISCURSO RETÓRICO SOBRE FISCALIZAÇÃO DO PIX

SECRECY FOR HIM... SURVEILLANCE FOR YOU. RHETORICAL DISCOURSE ANALYSIS ON PIX OVERSIGHT

ALÉCIO VANELI GAIGHER MARELY

<https://orcid.org/0009-0004-1209-7177>

Doutor em Inglês/Linguística pelo PPGI/UFSC

Docente efetivo do IFRS/Rolante

alecio.marely@rolante.ifrs.edu.br

ROMÁRIO NEVES COELHO

<https://orcid.org/0000-0003-4176-6187>

Mestre em Letras - Estudos da Linguagem pela UFAM

Docente da SEDUC-AM

romarioneves16@hotmail.com

GABRIEL LIMA MOTA

<https://orcid.org/0000-0003-4176-6187>

Doutorando em Linguística pelo PPGI/UFSC

motagabriell92@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa a construção ideológica e o engajamento político em um discurso de redes sociais sobre a fiscalização de transações via Pix¹. Utilizando Análise Crítica do Discurso (ACD) e Retórica, o estudo investiga como a linguagem formula versões da realidade para persuasão. As análises demonstram o uso estratégico do *ethos* e *pathos* para criar um "inimigo em comum" e mobilizar o auditório. O discurso emprega falácias como Reductio ad absurdum e Petitio principii, além de estratégias de Unificação e Fragmentação. Conclui-se que o discurso atua como prática social que constrói narrativas polarizadas e sustenta posições de poder simbólico.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Crítica do Discurso (ACD); Retórica; Ideologia; Engajamento Político; Redes Sociais.

ABSTRACT

The article analyzes the ideological construction and political engagement in a social media discourse concerning the government monitoring of Pix transactions. Employing Critical Discourse Analysis (CDA) and Rhetoric, the study investigates how language formulates versions of reality for the purpose of persuasion. The analyses demonstrate the strategic use of *ethos* (speaker image) and *pathos* (audience emotion) to construct a "common enemy" and mobilize the audience. The discourse utilizes rhetorical fallacies such as *Reductio ad absurdum* and *Petitio principii*, alongside ideological strategies of Unification and Fragmentation. The

¹ Pix – sistema brasileiro de pagamentos instantâneos, que permite transferências e pagamentos em tempo real. Mais informações em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidade/financeira/pix>

study concludes that the discourse functions as a social practice that constructs polarized narratives and sustains positions of symbolic power.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis (CDA); Rhetoric; Ideology; Political Engagement; Social Media.

INTRODUÇÃO

“A verdade não é uma questão de fatos, mas de repetição” (Wicked, direção de Jon M. Chu, 2025).

O cenário comunicativo contemporâneo, profundamente reconfigurado pela ascensão das redes sociais e plataformas digitais, têm transformado a dinâmica da opinião pública e do engajamento político. Neste ambiente, a produção e a circulação de informações, muitas vezes deliberadamente falsas ou enganosas – as chamadas *fake news* –, exercem um papel significativo na formação do consenso e na polarização social. Tais práticas não se restringem à manipulação factual, mas empregam características linguísticas específicas para maximizar sua persuasão e impacto no público.

Compreendendo que o uso da linguagem constitui uma prática social intrinsecamente ligada às estruturas de poder e às relações hegemônicas, o presente artigo se insere no campo dos estudos do discurso para investigar os mecanismos de construção de sentido e persuasão no contexto da política digital. O discurso, nesta perspectiva, é visto como a materialização de uma verdade que se engendra diante dos olhos do auditório, sendo também um conjunto de regras que estabelecem as condições de exercício da função enunciativa.

O objeto de análise deste estudo consiste em um evento discursivo que circula nas redes sociais, o qual aborda a proposta de monitoramento de gastos via Pix e cartão de crédito pelo governo federal. A partir de transcrição grafemática pormenorizada do conteúdo (*Cf.* anexo), baseada em (Preti 1999). O trabalho se propõe a analisar como a linguagem é utilizada para moldar percepções e orientar o destinatário a certas conclusões.

Para tanto, o arcabouço teórico-metodológico está fundamentado na Análise Crítica do Discurso (ACD), baseada nas contribuições de Fairclough (2019), Bakhtin (1979) e Foucault (2010), a qual concebe o discurso como uma forma de poder e controle social, buscando desvendar as agendas ideológicas que permeiam os textos. Esta abordagem é complementada pela Retórica clássica e contemporânea, conforme sistematizada por Aristóteles (1998) e Fiorin (2015), que permitem a investigação do *ethos* (a imagem do orador) e do *pathos* (o estado emocional do auditório), e das estratégias de persuasão. Adicionalmente, empregamos a tipologia das estratégias de construção discursiva simbólica de Thompson (2011) – incluindo

Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação – para aprofundar a compreensão de como o sentido serve para sustentar relações de dominação.

O objetivo central desta investigação é, portanto, compreender os sistemas comunicativos da era das redes sociais a fim de analisar a construção ideológica e o engajamento político, evidenciando como os artifícios argumentativos atuam na construção de uma versão específica da realidade social.

O artigo está estruturado em três seções principais. Após esta introdução, a seção conceitos detalha os pilares teóricos sobre verdade, ideologia, retórica e ACD, estabelecendo o referencial para as análises. Em seguida, a seção análises apresenta o *corpus* e aplica as categorias teóricas para examinar o discurso, identificando as estratégias de persuasão e as falácias retóricas empregadas. Por fim, as considerações finais retomam os achados principais, sintetizam as contribuições do estudo e discutem as implicações dos mecanismos discursivos no contexto sociopolítico atual.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa no campo dos estudos da linguagem, buscando analisar o discurso como uma prática social que constrói e reflete relações de poder.

O referencial teórico-metodológico é ancorado na ACD, na perspectiva dialético-relacional de Fairclough (2019), possibilitando, assim, a investigação de como os discursos refletem e reproduzem desigualdades sociais e econômicas, tratando a linguagem como *semiose* que articula dialeticamente gêneros, relações de poder e representações do mundo.

Complementarmente, a Retórica é utilizada para desvendar as estratégias de persuasão intrínsecas ao enunciado, focando na construção do *ethos* (imagem de si do enunciador) e na mobilização do *pathos* (as emoções do auditório) como elementos cruciais para a eficácia discursiva.

Objeto de Análise (*Corpus*)

O *corpus* de análise é composto pela transcrição de um evento discursivo que circula nas redes sociais, o qual aborda a proposta de fiscalização de movimentações financeiras via Pix e cartão de crédito pelo governo federal. Este evento social manifesta-se no âmbito do *opinentur* (crer e opinar), tornando-se um elemento de materialidade discursiva. O discurso foi transcrito com base nas orientações de Preti (1999).

Recorte Metodológico

Em face às restrições de extensão inerentes ao formato de artigo, a análise não se propôs a esgotar a totalidade da materialidade discursiva. Adotou-se, portanto, um recorte metodológico que priorizou a análise aprofundada dos excertos mais representativos do discurso. Essa seleção estratégica visa ilustrar, com rigor e profundidade, os mecanismos discursivos centrais para a construção ideológica e o engajamento político.

Categorias de Análise

A análise do *corpus* foi realizada por meio da aplicação de duas principais categorias inter-relacionadas:

Tabela 1 - Categorias.

Categoria	Base Teórica	Foco de Análise
Estratégias de Construção Discursiva Simbólica	Thompson (2011)	Identificação das formas como o discurso atua para estabelecer e sustentar relações de dominação , categorizadas em: Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação.
Mecanismos Retóricos e Falácias Argumentativas	Fiorin (2015) e Plantin (2023)	Investigação dos artifícios empregados para alcançar a persuasão, incluindo o uso de falácias lógicas como: <i>Reductio ad absurdum</i> , <i>Petitio principii</i> , <i>Argumentum ad hominem</i> , <i>Argumentum ad verecundiam</i> , <i>Argumentum ad ignorantiam</i> (Falso dilema), e o emprego da inferência lógica (<i>modus tollendo tolens</i>).

Fonte: Autores.

Ao integrar a ACD com as categorias da Retórica, buscamos ir além da descrição dos elementos linguísticos, evidenciando como as escolhas do enunciador são influenciadas por estruturas sociais mais amplas, como instituições e relações de poder, atuando ativamente na formulação de versões da realidade.

CONCEITOS

Verdades, Ideologia e Retórica

“A convicção é inimiga mais perigosa da verdade do que a mentira” (Nietzsche, 2005, p. 261).

Na seção de conceitos deste artigo, propomos que as verdades emergjam como fruto de interpretações factuais, apresentando-se de maneira flexível. Friedrich Nietzsche (2005) argumenta que não existem fatos, apenas interpretações. Complementarmente, Fiorin (2024) sugere múltiplas verdades, rejeitando a noção de verdades absolutas. Já para Foucault (2010), há o que se chama de vontade de verdades² a fim de produzir o então desejado efeito de sentido, para que assim essas condições reverberem na nascente de um discurso diante dos seus olhos.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (Foucault, 2010, p. 49).

Demonstra-se criterioso dialogar com Foucault (2008 [1969], p. 136) quando o assunto é discurso; [discurso] é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo-espaço[...] as condições de exercício da função enunciativa”; todavia corroboramos com a adição de Fairclough (2019) ao conceito alhures, pois a abordagem dialético-relacional abrange a possibilidade de mudança social e, portanto, este requisito não fora vencido por Foucault (*op.cit*).

Em adição, o conceito Faircloughiano não pode ser compreendido como unívoco, mas em formatação de mútua construção dialógica, é então a partir desta concepção que as estruturas sociais - entidades como economia e justiça - e as práticas sociais - as articulações dos elementos das estruturas sociais — repensam os movimentos hegemônicos de relações de criação e potencialização de poder.

Vamos exemplificar: se a justiça é a estrutura social, o judiciário é a prática social; se a educação é a estrutura social, a escola é a prática social; já os Eventos sociais - A materialização do discurso dentro da prática social e da estrutura - ; por exemplo, se temos justiça (estrutura social) e judiciário (prática social), então, as sentenças dos juízes são os eventos sociais.

Segundo Colares (2014), a constituição discursiva de uma sociedade deriva das práticas sociais, as quais estão implicadas em uma estrutura social material. Essa estrutura, por sua vez, produz e orienta eventos sociais que não são meramente fruto de anseios, mas de respostas às implicações discursivas.

Fairclough desafia a noção de que as escolhas linguísticas são apenas reflexos de preferências pessoais ou habilidades individuais ao rejeitar a ideia de que o uso da linguagem

² Compreendemos a importância da demarcação epistemológica dos conceitos, neste artigo, empregamos o termo *ideologia*, ainda que reconheçamos as incongruências terminológicas apontadas por Machado (2006), nas quais se evidenciam, à luz de Foucault, diferentes instâncias de verdade defronte à ideologia.

é uma atividade puramente individual, “ao usar o termo discurso proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexos de variáveis situacionais” (2019, p. 95). Em vez disso, ele sugere que essas escolhas são influenciadas por estruturas sociais mais amplas, como instituições, normas culturais e relações de poder. Por exemplo, a forma como um político se expressa em um discurso público não é apenas uma escolha pessoal, mas está condicionada por expectativas sociais, normas discursivas e estratégias de persuasão.

Ao abordar as estratégias de persuasão, Fiorin (2015) observa que um lugar comum nas discussões retóricas contemporâneas é a noção de que a argumentação é intrínseca à linguagem. Consequentemente, todo enunciado apresenta um comportamento retórico.

A utilização de um enunciado tem uma finalidade ao menos tão essencial quanto a de informar sobre a realização de suas condições de verdade, que é a de orientar o destinatário para certas conclusões e não para outras (Anscombree e Ducrot, 1988, p. 113).

Isso implica que os autores e oradores não apenas apresentam fatos ou verdades objetivas, mas também moldam suas mensagens para guiar o público em direção a certas percepções e interpretações desejadas. Esse processo de orientação objetiva alcança supostas condições de verdade, os sujeitos empregam uma variedade de artifícios argumentativos bem documentados pelos pesquisadores. Utilizaremos tais artifícios nas análises subsequentes do objeto deste artigo.

Para uma análise que considere as percepções de discurso elencadas no início desta conceituação, analisaremos a criação do *ethos* do enunciador, ou seja, a imagem de si, do caráter:

É o *éthos* (caráter) que leva à persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. Confiamos sem dificuldade e mais prontamente nos homens de bem, em todas as questões, mas confiamos neles, de maneira absoluta, nas questões confusas ou que se prestam equívocos. No entanto, é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do orador (Aristóteles, 1998, I,II, IV).

É pensar no *ethos*, na criação desse caráter do orador, que percebemos a estrutura social na qual o então sujeito, que proferiu o objeto de estudo, posiciona-se na comunidade, sendo entrelaçado por uma aura de confiabilidade, derivada tanto do cargo político que ocupa quanto da relação de poder que mantém nas redes sociais. Todavia, é importante destacar que estamos nos referindo à imagem do autor, e não necessariamente à construção psíquica dele. Trata-se da imagem que o autor deseja (de forma explícita ou implícita) transparecer.

A prática social manifesta-se nas redes sociais, espaços nos quais o autor busca compartilhar suas ideias. O *pathos*, neste contexto específico, refere-se à comunidade nativa das redes sociais que consome determinado tipo de conteúdo, caracterizando-se por suas preferências e engajamentos particulares. Para alcançar uma suposta eficácia discursiva, é fundamental que o orador compreenda profundamente seu auditório, adaptando sua argumentação às expectativas, valores e sensibilidades desse grupo, de modo a estabelecer uma conexão persuasiva e significativa:

O mundo inteiro e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas (Bakhtin, 1979, p. 98-99).

A prática discursiva do texto é representada pelo *pathos*, uma vez que este se refere ao estado emocional do auditório ao ser exposto a uma disposição argumentativa voltada à persuasão. Essa prática, no entanto, não constitui uma característica intrínseca da realidade, mas a uma projeção construída pelo enunciador, com o intuito de fomentar um embate discursivo. Considera-se que o evento social em análise torna-se perceptível a partir do *opinentur*, isto é, no âmbito do crer e do opinar, onde se estabelecem as bases para a formação de juízos e convicções.

Por fim, na abordagem de origem inglesa, o evento social — aqui representado pela discursividade presente no vídeo em análise — é permeado por mecanismos retóricos que evidenciam a construção ideológica. Esse processo é respaldado pelas contribuições de Thompson (2011), que identifica as estratégias de identificação simbólica como centrais para a compreensão da ideologia. Conforme o autor, “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar as relações de dominação” (Thompson, 2011, p. 76). Dessa forma, a análise revela como os significados construídos discursivamente atuam na legitimação e manutenção de estruturas de poder.

Tabela 2 - Estratégias de Construção Discursiva Simbólica.

Modos Gerais	Estratégias Típicas de Construção Simbólica
Legitimação	Representar as relações de dominação como legítimas por meio de raciocínio, universalização e inserção narrativa em histórias legitimadoras.
Dissimulação	Ocultar os laços de dominação ao deslocar o contexto, apresentar retratos positivos e utilizar tropos como a metáfora.

Unificação	Forjar uma identidade coletiva por meio da proposição de padrões compartilhados e símbolos unificadores.
Fragmentação	Dividir indivíduos/grupos ameaçadores ao enfatizar diferenças e expurgar o "outro".
Reificação	Apresentar situações contingentes como permanentes e inatas por meio de naturalização, atemporalidade e focalização da atenção, omitindo os atores envolvidos.

Fonte: Os autores, baseado em Thompson (2011, p.81) e Colares (2022, p. 39)

Ainda no ensejo do evento discursivo, temos as análises do campo retórico, na perspectiva do argumento, seguido por Fiorin (2015), mencionamos:

- a. *Reductio ad absurdum*: É uma técnica argumentativa ou método lógico que consiste em refutar uma proposição ao demonstrar que ela leva a uma conclusão absurda, ilógica ou contraditória. Essa estratégia é frequentemente utilizada em debates, matemática, filosofia e outras áreas para invalidar uma afirmação ou hipótese;
- b. *Petitio principii*: É uma falácia lógica que ocorre quando o argumentador assume como verdadeira a conclusão que está tentando provar, de forma circular, sem oferecer evidências ou razões independentes para sustentá-la. Em outras palavras, é um raciocínio que toma como provado aquilo que precisa ser provado. Essa falácia também é conhecida como raciocínio circular ou vício de circularidade;
- c. Inferência lógica (*modus tollendo tolens*): É uma forma válida de argumento dedutivo na lógica proposicional. Ela é usada para inferir a negação de uma premissa com base na negação de sua consequência. Em termos simples, se uma condicional é verdadeira e sua consequência é falsa, então a premissa também deve ser falsa;
- d. *Argumentum ad hominem*: É uma falácia lógica que ocorre quando alguém ataca a pessoa que está apresentando um argumento, em vez de refutar o argumento em si. Essa falácia desvia o foco do debate racional para características pessoais, motivações ou circunstâncias do interlocutor, sem abordar o mérito da questão discutida;
- e. *Argumentum ad verecundiam*: É uma falácia lógica que ocorre quando alguém apela à autoridade de uma figura ou instituição para sustentar um argumento, sem fornecer evidências ou razões independentes. Embora apelar a autoridades possa ser válido em certos contextos, essa estratégia se torna falaciosa quando a autoridade citada não é relevante para o assunto em questão ou quando o argumento depende exclusivamente da autoridade, sem justificativa lógica e

- f. *Argumentum ad ignorantiam* (Falso dilema): É um argumento em que uma proposição é verdadeira simplesmente porque não foi provada falsa, ou vice-versa. Em outras palavras, essa falácia se baseia na falta de evidência para sustentar uma conclusão, em vez de apresentar evidências factuais.

Análise Crítica do Discurso (ACD)³

A Análise Crítica do Discurso (ACD) constitui uma abordagem teórico-metodológica que compreende o significado linguístico como intrinsecamente vinculado a sistemas ideológicos. As bases filosóficas que fundamentam os estudos críticos deste trabalho começam em Fairclough (2019), que é emergido sob a influência de três principais vertentes teóricas, a saber: i) o marxismo ocidental, ii) a filosofia da linguagem de Bakhtin (1979) e iii) o pensamento de Michel Foucault (2010 [1970]). Essas influências proporcionaram um arcabouço teórico robusto para desenvolver a ACD que utilizamos neste artigo, integrando a análise linguística com uma perspectiva crítica sobre as relações de poder e as estruturas sociais.

Fairclough (*op.cit*) incorpora a crítica marxista às estruturas de poder e à ideologia, enfatizando como os discursos refletem e reproduzem as desigualdades sociais e econômicas; a noção de dialogismo e a ideia de que a linguagem é intrinsecamente social e interativa são centrais para a abordagem, que entende o discurso como uma prática social dinâmica e contextualizada em Bakhtin (*op. cit.*); A concepção de Foucault (*op.cit*) sobre o discurso como uma forma de poder e controle social influenciou Fairclough (*op.cit*) a analisar como os discursos constroem e mantêm relações de dominação.

Nessa perspectiva, a ACD propõe a desconstrução da noção de significação como algo evidente ou autossuficiente, buscando revelar as agendas ocultas que permeiam e são representadas nos textos; “[...] a linguagem projeta, permanentemente, as relações e estruturas sociais, de acordo com os desejos dos participantes, geralmente os dos participantes mais poderosos[...]” (Pedro, 1997, p. 33 Esses textos, por sua vez, são entendidos como elementos de materialidade discursiva, ou seja, como manifestações concretas das práticas sociais e ideológicas que a ACD se propõe a investigar.

[a ACD] por meio da linguagem, compreendido em sentido amplo como semiose (abarcando sons, imagens, gestos, roupagens, performatividades, uso de espaço físico

³ Há um debate acadêmico sobre a tradução mais adequada do termo Critical Discourse Analysis para o português, oscilando entre Análise Crítica do Discurso (ACD) e Análise do Discurso Crítica (ADC). Ambas as nomenclaturas são utilizadas por pesquisadores que compartilham uma base teórica semelhante, refletindo diferentes interpretações e ênfases na abordagem. Neste artigo, adotaremos a sigla ACD para nos referirmos à Critical Discourse Analysis.

etc.) articulamos dialeticamente três principais modos como construímos significados. Nós agimos e interagimos no mundo, por meio de gêneros discursivos, nas relações de poder que nos constituem como agentes atuando com pessoas e sobre elas; também projetamos e representamos o mundo por meio de discursos [...] cabe ao analista de discurso crítico atentar para as vozes historicamente violentadas que pedem mudança (Irineu, et al., 2020, p. 13 e 17).

Em Fairclough (2019), a ACD não parte de um mundo previamente significado e estático para análise, mas compreende que o mundo é construído por meio de sistemas de fluxos dinâmicos, interconectados com as interações sociais. Nessa perspectiva, as práticas discursivas não refletem passivamente a realidade, mas atuam como mecanismos ativos na formulação de versões da realidade, ou seja, na produção de representações que interpretam e reconstróem o mundo, em vez de simplesmente derivar dele.

Assim, para a ADC, o mundo não nos é dado, mas o formulamos num fluxo de nossas interações sociais, que formam, através de práticas discursivas, versões da realidade que se realizam na linguagem, e não a partir dele. Por conta disso, essa abordagem teórica da linguística contemporânea funciona como um imprescindível instrumental de investigação do discurso para entender as muitas desigualdades sociais materializadas em práticas de discriminação social, preconceito, abuso de poder e violência simbólica (Melo, 2024, p. 24, *apud* Fairclough; Wodak; 1997; Ramalho; Resende, 2011).

Portanto, a materialidade da ACD consiste em refletir sobre as desigualdades sociais por meio da investigação dos discursos que as produzem, reproduzem ou contestam. Pouco se limita a analisar os textos como entidades isoladas, mas os compreende como práticas sociais que refletem e, ao mesmo tempo, moldam as estruturas de poder e as relações desiguais presentes na sociedade. Dessa forma, o objetivo central desta área da linguística é desvendar como os discursos contribuem para a manutenção ou transformação dessas desigualdades, evidenciando os mecanismos linguísticos e ideológicos que sustentam as hierarquias sociais.

ANÁLISES

“O fantasioso nega a verdade para si mesmo; o mentiroso, apenas para os outros”⁴ (Nietzsche)

Fake news referem-se à produção e disseminação intencional de informações falsas ou enganosas, apresentadas sob inúmeros formatos, de notícias jornalísticas a vídeos nas redes sociais. Essas práticas são caracterizadas pela manipulação de fatos, distorção de contextos ou criação de narrativas completamente fictícias, com o objetivo de influenciar a opinião pública, promover agendas específicas, gerar engajamento em plataformas digitais ou obter benefícios

⁴ A frase é frequentemente atribuída a Friedrich Nietzsche, mas não há uma referência exata que confirme em qual obra ou página ela aparece. Nietzsche escreveu de maneira aforismática e poética.

financeiros. Segundo Pennycook e Rand (2021), as notícias falsas são deliberadamente divulgadas de formas distorcidas, e Freire (2024) pontua que “há características linguísticas específicas para aumentar sua persuasão e impacto no público” (p. 184).

As análises abaixo fundamentam-se nas proposições supracitadas em Thompson (2011), da ideologia, e por Fiorin (2015), do processo retórico. Objetivando compreender os sistemas comunicativos da era das redes sociais a fim de engajamento político.

(01)

- 1 o governo quer saber como você ganha cinco mil e paga dez mil de cartão.....mas não quer saber
- 2 como uma pessoa que ganha um salário MÍNIMO::.....faz para sobreviver pagando
- 3 luz::...moradia::...educação::...

O orador começa a fala com o afastamento do "eu", estabelecendo seu *ethos* para dialogar com um *pathos* específico. A substantivação de "o governo" na voz ativa indica o culpado da ação que o orador abordará. No final da primeira linha e início da segunda, o orador emprega uma premissa previamente mapeada por Ducrot ([1984]1987), conhecida como premissa geral, em que há um compartilhamento de significados por uma comunidade, resultando em uma universalidade lógica de sentidos. Nesse contexto, a frase "como uma pessoa que ganha um salário mínimo faz para sobreviver" torna-se aceitável, pois reflete um princípio análogo a uma suposta realidade do *pathos*.

(02)

- 4 o governo Lula vai monitorar seus gastos com cartão de crédito e PIX::...que movimentam acima de
- 5 cinco mil reais para pessoas físicas e quinze mil pra empresas....isso todo mundo já sabe....e não::: o
- 6 PIX não será taxado...mas é bom lembrar...que a comprinha:: da China não seria taxada..foi::... não ia ter
- 7 sigilo...mas têvi::...você ia ser isento do imposto de renda...não vai mais...ia ter picanha...não têvi.

Na linha 4, o *ethos* zela pela própria imagem e assume uma posição de autoridade. O sujeito planeja o futuro próximo ao modalizar o verbo ‘ir’ como uma certeza, conjugando-o no presente do indicativo, terceira pessoa do singular, para explicar a situação em curso, isto ocorre, pois, segundo Quintiliano (1977), o *pathos* é a afeição do *ethos* produzido.

No decorrer das linhas 5, 6 e 7, o autor adota um tom alarmista e caótico. Ele utiliza o futuro do pretérito do indicativo para exagerar ações que provocam alarme, ao mesmo tempo em que expurga o outro, com o intuito de destacar uma teórica superioridade de quem fala. Estes mecanismos também não nos são estranhos, já caminham pelos estudos do discurso desde 1824 com O livro das falácias de Bentham (Plantin, 2023). A estratégia do alarme semeia

desconfiança, tirando o foco e atribuindo intenções ocultas, assim como a falácia da confusão que usam de visões unilaterais para propor uma rejeição total da proposição.

(03)

9 o PIX não será taXAdo::.....mas não duvido que possa ser....enfim...quem será mais afetado com
essa
10 medida será o trabalhador informal::...feirANtes...o seu João que vende picolé como
ambulante::...
11 motorista de Uber...pedreiros...entregadores de iFood::todos aqueles que lutam diariamente...para
12 ganhar vida honestamente vão sofrer...esses trabalhadores que já vivem no aperto agora terão
suas
13 movimentações vigiadas::...como se fossem GRANDES sonegadores...se fizeram uma vaquinha::
para
14 pagar o churrasco...vai ser complicado de explicar no imposto de renda....o amor tá custando caro
15 demais::

Na linha 9, o autor afirma de maneira categórica que o Pix não estará sujeito à tributação. Para formular o argumento *petitio principii*, são utilizadas três orações. A primeira, ‘o PIX não será taxado’, é uma oração coordenada assindética, ou seja, possui sentido completo e não é introduzida por conjunção. Em seguida, o autor opta por continuar com uma oração coordenada sindética adversativa, utilizando a conjunção ‘mas’ para expressar um sentido contrário à afirmação anterior. No entanto, para completar o argumento, é adicionada uma oração subordinada completiva, ‘que possa ser’, que introduz um tom de dúvida à formulação.

Nas linhas 10 e 11, padrões compartilhados são estabelecidos para formar uma unidade de subjetivações, abordando a estratégia de unificação. Uma vez realizada essa etapa, emerge um topos metafórico de dissimulação de contexto, o qual se conecta com a teoria dos blocos semânticos de Fontana (2010). Esta teoria descreve linguisticamente as semelhanças dos léxicos vinculados às construções semânticas e seus recortes histórico-geográficos.

Nas linhas 12, 13, 14 e 15, há uma construção lógico-epistêmica do *páthos* com o objetivo de induzir um argumento conhecido como *ad passiones* (Plantin, 2023), que os sofistas utilizavam para trazer emoção ao ponto de discussão. A nominalização ‘trabalhadores’ e seu bloco semântico provocam uma adesão e assentimento. A possibilidade de distorção, nesse caso, caminha em direção a uma dimensão moral e ética de manipulação, configurando-se como uma prática consciente. Além disso, há a presença de um falso dilema, ‘[...] se fizeram uma vaquinha[...]', configurando-se como uma proposição disfarçada de premissa lógica na forma ‘se A, então B’. No entanto, a falha nas premissas reside na ausência de evidências que comprovem a verossimilhança do ato em si. As provas precisam corroborar o fato, integrando-o de maneira coerente ao discurso (Plantin, 2023).

Nas linhas 14 e 15, o autor usa o *topos* do *locus communis*, o uso da figura de pensamento ou, como a retórica prefere chamar, figuras patéticas, essa são premissas de doxa baseadas em conjecturas personalíssimas aceitas pela coletividade, para Plantin (*op.cit.*) essa estratégia é a mãe de todas as falácias, pois se opõe ao *logos*, a racionalidade.

(04)

15 pensa comigo::...microempreendedores::...representam setenta por cento das empresas
16 do país...em dois mil e vinte e cinco::...por exemplo...o MEI poderá faturar oitenta e
17 um mil reais por ano...ou seja...pouco mais de seis mil reais por mês...essa maioria de
18 brasileiros...muitos não declaram imposto de renda...porque senão não conseguem
19 pagar suas contas. Se é difícil sem declarar::...imagina o PT tirando VI-nte e sete ponto cinco por
cento que você

Nota-se um pensamento unívoco nas linhas 15, 16, 17, 18 e 19. O orador busca unificar os microempresários, tratando-os como um grupo homogêneo. Ele assume a veracidade das conclusões apresentadas e cita números sem indicar fontes, caracterizando uma tentativa de *argumentum ad verecundiam*. Contudo, ao analisar mais detalhadamente, percebe-se que se trata de um *Petitio Principii*, uma falácia lógica que tenta provar as premissas por meio das próprias conclusões. O orador inverte a ordem do raciocínio, ademais, ressalta-se que a primeira frase do discurso é um convite ao pensamento, apelando à emoção do *pathos*.

Ainda na linha 19, observa-se a exclusão do outro e a criação de um inimigo em comum. De forma ativa, o sujeito 'PT' é responsabilizado por 'retirar' uma porcentagem da renda, que o narrador avalia como insuficiente. Este ato é descrito como uma construção de paranoia, denotando uma estratégia discursiva que distorce a realidade para provocar uma resposta emocional no público:

Não basta dizer apenas que existe uma potência alucinatória da própria realidade psíquica. Isso está na esfera do que os psicanalistas chamam de estruturas esquizoparanoides de construção da paranoia, e ela é um mundo em conflito total, no qual existe o inimigo absoluto contra alguém é inteiramente puro, perfeitamente bom. O outro é completamente mal, de modo que tudo justifica o ataque total ao inimigo. Até as raias do próprio delírio, porque esse inimigo, tudo que existe, coloca o paranoico em risco (Ab'Sáber, 2021, p. 55).

(05)

22 continuar tendo o serviço de saúde...educação e transporte do Brasil::...sendo assim...esses
milhões de
23 brasileiros não vão mais usar cartão:: de crédito...PIX::...Débito ou transferên:cia bancária para
não cair
24 na mira do governo...que só tá pensando em arrecadar...sem te oferecer nada...prova disso é que
o Lula
25 aumentou os gastos do cartão da presidência e colocou SI-GI-LO para os gastos dele com a
Jan::ja...mas
26 quer tirar o sigilo bancário de você...cidadão comum e empreendedor...

Nas linhas 22 e 23 o autor sugere que há um desequilíbrio entre a transparência exigida dos cidadãos e a falta de clareza nos gastos governamentais. A partir da perspectiva da retórica de Fiorin (2015), observa-se uma falácia, *Reductio ad absurdum* pois o autor leva a ideia da fiscalização financeira a uma consequência extrema e absurda – a de que ninguém mais poderá usar cartões ou transferências para não cair na "mira do governo". Esse exagero busca gerar medo e indignação na audiência, desconsiderando outras possibilidades, como um controle equilibrado das transações financeiras, no entanto há controvérsias pois o texto poderia fortalecer sua argumentação se apresentasse dados concretos sobre a fiscalização financeira e seus impactos reais, evitando cair em falácias emocionais. A estrutura sintática é fragmentada, com frases curtas e sem conectivos formais, o que intensifica o tom de protesto. Além disso, há estratégias de persuasão, como a unificação “esses milhões de brasileiros” e o uso de termos informais “te oferecer nada”, o que aproxima o discurso do leitor.

Nas linhas 24 e 25 há um ataque direto à figura do presidente Lula e sua esposa Janja, sugerindo que o governo impõe restrições à população enquanto mantém sigilo sobre seus próprios gastos, o uso de exemplos específicos, como esse suposto sigilo nos gastos da presidência, visa gerar indignação e reforçar um sentimento de injustiça social, isto é, em vez de argumentar sobre a necessidade ou não da fiscalização bancária, o texto foca em desacreditar o governante, característica típica *Argumentum ad hominem*, além de fazer uso do conceito hegemônico da fragmentação.

Na linha 26 o autor do texto sugere que há apenas duas opções: ou os brasileiros aceitam a vigilância financeira do governo, ou ficam sujeitos a injustiças sem benefícios, *argumentum ad ignorantiam* (Falso dilema), essa estrutura simplifica uma questão complexa, ignorando nuances como a necessidade de controle financeiro para evitar crimes econômicos.

(06)

20 GANha...é impossível sobreviver...porque se fosse para pagar imposto alto...igual na Suíça...mas ter o
21 serviço:: da Suíça de saúde...educação e transporte:...ok. mas o brasileiro paga imposto alto para
22 continuar tendo o serviço de saúde...educação e transporte do Brasil:

Na linha 20, o autor inicia com uma frase de impacto, afirmando que é impossível sobreviver neste país. Esta declaração serve como uma conclusão das premissas que serão apresentadas a seguir. Ao desenhar este argumento é utilizado a lógica natural definida como “o estudo das operações lógicas-discursivas que permitem construir e reconstruir uma esquematização” (Grize, 1990, p. 65). Observe-se a seguinte proposição *modus tollendo tolens*: se A então B; logo, se não B, então não A. Neste contexto, podemos definir A como ‘pagar

imposto alto' e B como 'igual na Suíça'. O *pathos* aqui se alinha com o *topos* do *locus communis*, que reconhece a diferença entre a realidade do Brasil e da Suíça, sendo esta discrepância percebida de forma negativa pelo *pathos*. Desta forma, a justificativa para pagar pouco imposto parece mais aceitável.

As Análises não representam a totalidade do conteúdo transcrito, mas sim uma seleção estratégica dos segmentos que melhor evidenciam e ilustram os mecanismos discursivos (e.g., construção de *ethos*, *pathos* e o emprego de falácias lógicas) e as estratégias de construção ideológica (e.g., Unificação, Fragmentação, Reificação) que são centrais para o objetivo desta pesquisa. Optamos pela análise aprofundada de excertos pontuais em detrimento de uma abordagem superficial de todo o corpus, garantindo assim a rigorosidade e a profundidade teórico-metodológica exigida pela Análise Crítica do Discurso (ACD).

Em suma, a análise dos excertos demonstra que a construção discursiva do autor mobiliza um conjunto articulado de estratégias retóricas e ideológicas. O emprego de falácias lógicas, como a *Petitio principii* e o *Argumentum ad hominem*, juntamente com a reiteração das estratégias de Unificação e Fragmentação de Thompson (2011), são mecanismos centrais para a criação de um inimigo em comum e para a adesão emocional do *pathos*. A partir desta seleção de segmentos, fica evidenciado como o discurso atua na formulação de uma versão da realidade que busca legitimar a manutenção de estruturas de poder simbólico, conforme postulado pela ACD. Deste modo, os excertos analisados são suficientes para ilustrar o processo de construção ideológica e persuasão no evento discursivo em estudo, permitindo avançar para as conclusões do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises empreendidas evidenciam a complexidade inerente às práticas discursivas em ambientes de mídia social, nos quais o enunciado é mobilizado com finalidade predominantemente persuasiva, orientando o destinatário a determinadas conclusões. Tal dinâmica remete à observação atribuída ao Mágico de Oz, no início desse artigo, segundo a qual a verdade se constitui como efeito da repetição; de modo análogo, as construções próprias do discurso de massa operam mediante a recorrência e a reiteração.

- Construção do *Ethos* e *Páthos*: Evidenciou-se a construção meticulosa do *ethos* do enunciador (imagem de si), que se posiciona como uma autoridade confiável e um porta-voz da comunidade. Esse *ethos* foi estrategicamente alinhado ao *páthos* do auditório, apelando às suas expectativas, valores e sensibilidades, em especial o bloco

semântico dos "trabalhadores informais" , buscando uma adesão emocional (*ad passionem*).

- Mecanismos Ideológicos e Falácias: O discurso operou por meio de estratégias ideológicas centrais, como:
 - Unificação: Forjando uma identidade coletiva de "trabalhadores" e "microempreendedores" afetados.
 - Fragmentação: Criando e atacando um "inimigo em comum" (o governo/PT), um processo que beira a construção paranoica ao atribuir uma maldade absoluta ao "outro" .
 - Falácias Argumentativas: O uso recorrente de falácias desvia o foco do debate racional. Foram identificados o *Petito principii* (raciocínio circular) , o *Reductio ad absurdum* (exagero da consequência para o absurdo) , e o *Argumentum ad hominem* (ataque à pessoa em vez do argumento), todos atuando para gerar medo e indignação.
- Produção de Versões da Realidade: O discurso não se limitou a refletir a realidade, mas atuou como um mecanismo ativo na formulação de versões da realidade. Ao utilizar o *locus communis* (premissas baseadas em conjecturas pessoais aceitas pela coletividade) , o enunciador transformou situações contingentes em verdades universais, reforçando a ideia de que o mundo é construído por sistemas de fluxos dinâmicos e não é um dado estático.

A análise do evento discursivo reitera que as escolhas linguísticas não são apenas preferências individuais, mas sim reflexos de estruturas sociais mais amplas e relações de poder, atuando como mecanismos que produzem, reproduzem ou contestam desigualdades sociais. O discurso analisado, ao incitar a desobediência civil (retorno ao dinheiro vivo), cumpre seu objetivo de engajamento político, traduzindo a lógica da persuasão para uma ação concreta do auditório. Desta forma, os resultados alertam para a necessidade de um pensamento reflexivo diante das narrativas circulantes, especialmente aquelas que simplificam questões complexas e apelam a polarizações extremas, evidenciando que a convicção pode ser um inimigo mais perigoso da verdade do que a mentira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Tales. Ilusão, convicção e mentira: linguagem e psicopolítica da pós-verdade. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2021. cap. 3, p. 41-58.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **Teoria da argumentação na língua**. Tradução de Maria Helena de Moura Neves. São Paulo: Contexto, 1988.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **O que é Pix?** Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidade/financeira/pix>. Acesso em: 20 nov. 2025.

CHU, Jonathan Murray. **Wicked**. Estados Unidos: Universal Pictures, 2025. Filme (151 min), son., color.

COLARES, Virgínia (Coord.). **Análise crítica do discurso jurídico**. Recife: Arraes Editores, 2022.

COLARES, Virgínia. Análise Crítica do Discurso Jurídico (ACDJ): O caso Genelva e a (im)procedência da mudança de nome. **ReVEL**, vol. 12,n.23, 2014.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2.ed. Brasília: UNB, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15.ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2024.

FONTANA, Mônica Zoppi. Retórica e argumentação. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; RODRIGUES, Suzy Lagazzi; VOGT, Carlos (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 177-210.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

FREIRE, Amanda Silva. Análise de discurso e fake news: uma proposta de sequência didática. In: JESUS, Simone Nascimento de; FERRAREZI JÚNIOR, Celso; AZEVEDO, Neila Patrícia da Silva Gomes de (Orgs.). **Aplicações da análise do discurso na educação básica: o que fazer, como explicar**. São Paulo: Pá de Palavra, 2024. p. 171-182.

GRIZE, Jean-Blaise. **Logique et langage**. Gap: Ophrys, 1990.

IRINEU, Lucineudo Machado; SANTOS, Silvana Ferreira dos (Orgs.). **Análise de discurso crítica: conceitos-chave**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MELO, Iran Ferreira de. História da análise do discurso crítica. In: BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (Orgs.). **Análise de**

discurso crítica para linguistas e não linguistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2024. p. 19-35.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres.** Tradução de Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

O PIX está unindo o povo. Realização de Nikolas Ferreira. [S.l.]: Nikolas Ferreira, 2025. Vídeo (412 min.), son., color., legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uvctG5Lx5pw&t=90s>. Acesso em: 3 fev. 2025.

PEDRO, Emília Ribeiro. **Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional.** Lisboa: Caminho, 1997.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David G. The implied truth effect: attaching warnings to a subset of fake news stories increases perceived accuracy of stories without warnings. **Psychological Science**, v. 32, n. 6, p. 823-832, 2021.

PLANTIN, Christian. **A argumentação: história, teoria, perspectivas.** Tradução de Marcos Marcionilo. 1. ed. 5. reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2023.

PRETI, Dino. (org.). **Análise de textos orais.** 4. ed. São Paulo: FFLCH, 1999.

QUINTILIANO, **Instituicion oratoire.** Texto estabelecido e traduzido por J. Cousin. Paris: Les Belles Letters, 1977, t. IV, livros VI e VIII.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 2011.

Anexo – Transcrição do Vídeo [O pix está unindo o povo]

O PIX ESTÁ UNINDO O POVO

o governo quer saber como você ganha cinco mil e paga dez mil de cartão.....mas não quer saber como uma pessoa que ganha um salário MÍNIMO::::...faz para sobreviver pagando luz::...moradia::...educação::... compra do mês e gasto...esse é o questionamento::::...tem sido feito nas redes sociais e faz todo sentido::::...e eu te explico o porquê...o governo Lula vai monitorar seus gastos com cartão de crédito e PIX::::...que movimentam acima de cinco mil reais para pessoas físicas e quinze mil pra empresas.....isso todo mundo já sabe.....e não::: o PIX não será taxado...mas é bom lembrar...que a comprinha:: da China não seria taxada..foi::... não ia ter sigilo...mas têvi::...você ia ser isento do imposto de renda...não vai mais...ia ter picanha...não têvi...

o PIX não será taXAdo::::...mas não duvido que possa ser....enfim...quem será mais afetado com essa medida será o trabalhador informal::::...feirANtes...o seu João que vende picolé como ambulante::::... motorista de Uber...pedreiros...entregadores de iFood:::todos aqueles que lutam diariamente...para ganhar vida honestamente vão sofrer...esses trabalhadores que já vivem no aperto agora terão suas movimentações vigiadas::...como se fossem GRANDES sonegadores...se fizeram uma vaquinha:: para pagar o churrasco...vai ser complicado de explicar no imposto de renda....o amor tá custando caro demais::::...pensa comigo::...microempreendedores::::...representam setenta por cento das empresas do país...em dois mil e vinte e cinco::::...por exemplo...o MEI poderá faturar oitenta e um mil reais por ano...ou seja...pouco mais de seis mil reais por mês....essa maioria de brasileiros...muitos não declaram imposto de renda...porque senão não conseguem pagar suas contas.

se é difícil sem declarar::::...imagina o PT tirando VI-nte e sete ponto cinco por cento que você GANha...é impossível sobreviver...porque se fosse para pagar imposto alto...igual na Suíça...mas ter o serviço:: da Suíça de saúde...educação e transporte::::...ok. mas o brasileiro paga imposto alto para continuar tendo o serviço de saúde...educação e transporte do Brasil::...sendo assim...esses milhões de brasileiros não vão mais usar cartão:: de crédito...PIX::::...Débito ou transferê::ncia bancária para não cair na mira do governo...que só tá

pensando em arrecadar...sem te oferecer nada...prova disso é que o Lula aumentou os gastos do cartão da presidência e colocou SI-GI-LO para os gastos dele com a Jan::ja...mas quer tirar o sigilo bancário de você...cidadão comum e empreendedor...

sigilo pra ele...vigilância pra você...prazer::...Lula...e qual o objetivo real dessas medidas? AR-RE-CA-DAR:: mais impos::tos. tirar dinheiro do seu bolso...mas não pense que isso vai pra saú::de...segurança ou educação::...isso eu nem preciso provar. basta uma pergunta...qual o serviço que o Estado oferece na sua cidade de qualiDA::de? virou comum pagar imposto e pagar também outra empresa pra fazer o mesmo serviço que o Estado não faz... o país não tava quebrado? agora:: todo mundo tem cinco mil na conta? vem cá...GÊNio...que eu vou te explicar. basta ter cinco mil MO-VI-MEN-TA-DOS::... na conta pra entrar na mira da receita....ou seja...o Uber que gastou com gasoli::na...manutenção::...fre::ios...suspensão::...limPEza e outros custos e movimentou cinco mil na conta...ele tem cinco mil livre no bolso? claro que não...o ambulante que movimenta acima de cinco mil no mês pra sustentar a família...agora tá na mira da rece::ita...o entregador do iFood que corre ho::ras pra fazer sua meta...também está...o governo diz que essas medidas são MODERNIZAÇÃO fiscal...conversa pra boi dormir.

ah::...e quem não deve...não te::me....ah...é:: mesmo? se estivessem preocupados mesmo com a transparência dos gastos públicos...por que não investigaram as empresas estatais que estão dando prejuízo:: agora com o Lula? investigaram os gastos absurdos da Janja...da transparência para os gastos dos ministros do Lula...o que aconteceria se a gente abrisse::o sigilo bancário do Lula::...do PaCHEco...do Moraes:: e de algum ministro? por que o alvo da vigilância em formato de transparência é pro cidadão comum e não pra eles mesmos? o vilão do Brasil é quem ganha cinco mil reais ((leve risada)) e não dê cara pra poder sobreviver::... vocês querem mesmo que o brasileiro enGU::la isso? em bre::ve...os comércios estarão usando esta placa...e todo mundo vai voltar a usar dinheiro vivo::...afinal de contas...ninguém quer trabalhar um mês intei::ro pra depois o governo vir::...e morder o seu salário.

mas e aí...amigos? o que vocês irão fazer? nós fizemos:: uma ação de controle de constitucionalidade junto ao PL Nacional::...pra derrubar:: essa decisão da Receita Federal no STF....SIM...ao STF...que a maioria tá lá...foi indicada pelo PT::...eu sei que é desanimador...mas é a única saída que a gente tem.... percebeu::? a consequência de um voto mal dado? por fim::...mas não menos imporTANte...a oposição está COLETANDO assinaturas pra um projeto de lei pra impedir que esse tipo de quebra de sigilo:: mascarado de transparência seja realizado...e em breve...vamos divulgar quem está a favor do governo tirar mais dinheiro

do seu:: e nisso...eu preciso de você pra cobrar...não importa se você é de direita...esquerda...centro...gosta de mim ou não...é hora de entender que se a gente não parar o Lula...o Lula vai parar o Brasil.

(Transcrição baseada em Preti 1999, p.11-12, **grifos dos autores**)